

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

PARIS

ESCRITÓRIO: 6^a, rue Saint-Pétersbourg
Assinatura: 21 francos

Anno: 1.º Septembre: 12.
Avulso: 1.
No resto de Europa 11 francs por número e 24 francs por mês.

1º Ano. — Volume 1. — Número 11.

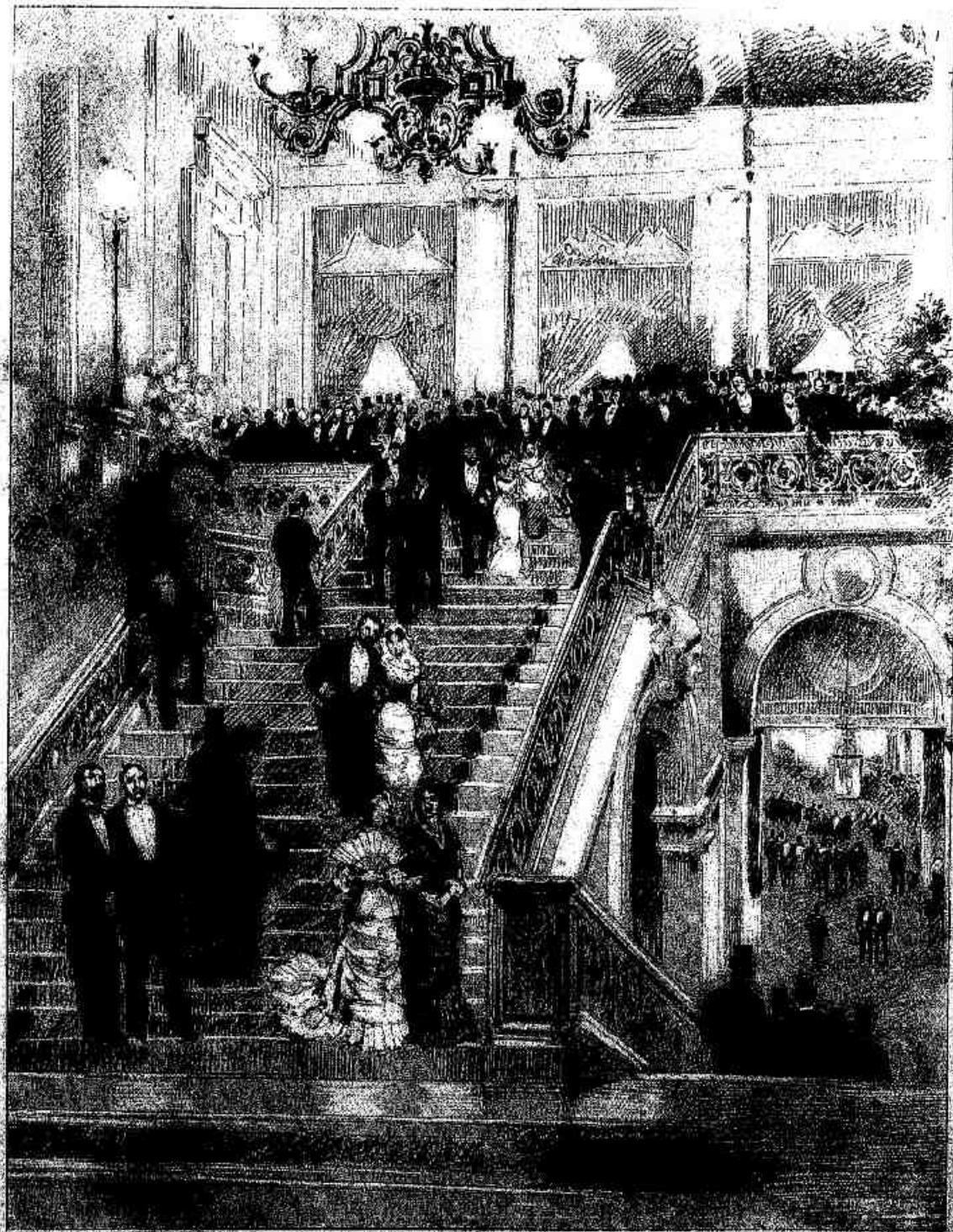
PARIS 5 D'OUTUBRO DE 1884

Director: MARIANO PESA

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 79, R. do Comércio.
Assinatura:

ANNO GÖTIC:	12,000
SEXTA-FEIRA:	5,000
ANNO PROVINCIAIS:	14,000
AVULSO:	500



THEATROS DE PARIS. — A escada da Comédia Françaesa

SUMMARIO

Textos: *Chronica*, por Mariano Pina. — *Ignota* (poesia), por Joaquim d'Araújo. — *Pedro Luiz* (biografia), por Machado d'Assis. — *O dinheiro do Papa* (conto) por Gil-Vicente. — *Um banho no Hamam*, por Jayme de Seguier. — *Recados* (poesia) por Valentim Magalhães. — *La poesie portugaise*, por Mariano Pina. — *As nossas orquídeas*: A *Comédia Francesa*; *Uma vista do Amazonas*; *Italia*; *Pedro Luiz*; *A China Contemporânea*; *Notas e impressões*; *Jesus ao colo da Madalena* (poesia), por Luiz Delfino. — *Theatros*, por J. Miranda. — *Passatempo*.

Gravuras: *Theatros de Paris. A escada da Comédia Francesa*. — *O dinheiro do Papa*, desenhos de S. Arcos. — *Brazil. Uma vista do Amazonas*, desenho original de F. Villegas. — *Recordação d'Italia*, quadro de Echalter. — *Pedro Luiz*. — *A China contemporânea. Um exame de soldados*. — *Italia. Um cortejo das proximidades de Roma*. — *O Chófer em Nápoles*.

CHRONICA



I hontem n'um artigo mundano do *Gil Blas* a preciosa notícia de que o *Tout Paris* tinha finalmente entrado em Paris. E do artigo a que alludo deprehendia-se que S. Ex.^a era visivel em todas as primeiras representações dos theatros do boulevard, todas as terças-feiras na *Comédia Francesa*, todas as quintas-feiras na *Ópera-Comica* e todas as sextas-feiras na *Grande Ópera*.

Esfim... S. Ex.^a depois de ter passado algumas semanas sob o céu azul de Biarritz, depois de ter arriscado algumas notas de mil francos sobre as mesas de jogo de Trouville, depois de ter assistido às grandes corridas de Dieppe; depois de se ter informado que as andorinhas vão partir, que as ostras já apareceram nas listas dos restaurants e que Sardou já pôz o ultimo ponto final na sua nova peça *Theodora* — S. Ex.^a resolreu honrar Paris com a sua entrada e vir presidir na grande cidade aos destinos do inverno de 84-85, que deve ser abundante em acontecimentos — se tivermos muita neve.

Talvez não acreditem. Mas inverno sem neve, como o inverno de 83-84, não é inverno em Paris. É um inverno indecente!

E necessário que *ela* caia consecutivamente, branqueando tudo — os telhados, as árvores, as ruas e as *gentes*. E necessário que *ella* caia, sem descanso, dia e noite. Que venham para a rua os esquadros de rampichos armados de pis e picaretas, abrindo passagem para as carroças poderem circular; desobstruindo as portas das casas para que os locatários possam sair; fazendo carreiros ao longo dos largos passeios d'asphaltto para que Paris se possa mover.

Para que um inverno seja interessante em Paris, para que haja vida e animação nos cafés, nos theatros, nos clube e nos salões é necessário que a temperatura desça tanto que gelem os lagos do Bosque de Bolonha e que sobre o Sena, immobilizado pelo frio, se passe naturalmente como se passa pela avenida dos Campos Elyseos, pisando as águas do rio com a mesma confiança com que se pisam as pedras d'uma estrada!

Acera do tal famoso *Tout Paris* correm estas lendas e vão-se formando pouco a pouco montanhas d'ilusões que é necessário mais ou menos destruir.

Onde elle mais se manifesta, isto é, onde elle mais se exhibe, onde elle pode ser observado de perto é nos theatros, em noutras peças novas ou de representação extraordinária.

Muita gente pensa que é este *Tout Paris* que faz a reputação dos grandes artistas parisienses. Que é elle quem admira e descobre genios e talentos para os vir impor à admiração do mundo inteiro. Que Alexandre Dumás seria ainda a estas horas um pobre diabo sem nome e sem dinheiro se a Princesa Trez Estrelas na sua frisa da *Comédia* não tivesse praticado a caridade de pronunciar o nome do auctor da *Princesse de Bagdad* diante de duas amigas que a escutaram. Que Coquelin ainé seria ainda um simples comparsa de scena se o Marquez de Z... não tivesse asseverado no cerne aos seus companheiros de sala d'armas, ao voltar d'uma recita do *Ruy Blas* — que aquele sujeito tinha talento!

Perfeito engano...

Esse apregoador *Tout Paris* nem faz nem desfaz reputações. Acompanha simplesmente a moda. E quando um individuo foi consagrado pela moda, quando em todos os cantos de Paris se fala n'esse individuo, quando os editores o disputam e os theatros lhe abrem as portas de par em par, então é que o *Tout Paris* manda preparar o coupé para o ir applaudir — de olhos fechados!

E depois, o *Tout Paris*, este «Paris intelecto», não passa d'uma insignificantíssima molécula de Paris, a molécula frívola, mundana, superficial. Tudo quanto admira e tudo quanto aplauda é inconscientemente; apenas por luxo, apenas por desfastio — quando já o grande Paris e às vezes mesmo o extrangeiro tem applaudido e admirado.

E como as senhoras que assistem nas galérias, a uma sessão interessante da Gama dos deputados. Vão lá para saber como caminham os negócios do Estado? Vão lá para saber se o governo effectivamente merece um voto de confiança ou deve ser formado a dar a sua demissão?...

Falla Fulano, um grande orador, um grande virtuose que diz phrases que equivalem a meia duzia de notas que Sarasate arranca as cordas do violino, ou Rubinstein ao ventre d'um piano d'Erand. E as senhoras limpam cuidadosamente os crystals das suas loqueras para analysar Fulano, para verem se a sua presença equivale à sua rhetorica, se o seu bigode é tratado com escrupulo, se a sua cabeca é digna de repousar no seio d'uma mulher adorável que o queria possuir!...

O mundo feminino não quer saber se o orador Fulano, ao tratar da exportação da batata e mais da cortiça, provou à camara e ao paiz que o ministro da agricultura nada tem feito em favor da cortiça e mais da batata. O que o mundo feminino quer, a razão por que o mundo feminino ali está naquella galeria, amarrando as toilettes em cadeiras ordinarias, e dando a Fulano a honra de o fitar através dos limpidos crystals das suas loqueras — é para ouvir da boca de Fulano aquellas variações de phrases quentes e coloridas que deixam advinhar

um apaixonado e um poeta na intimidade perfumada d'um salão! E para ver o seu gesto largo e opulento, os seus braços descrevendo curvas amorosas, e mais as mãos de Fulano, aquelles mãos brancas — unhas sór de rosa e dedos carnudos onde brilha de quando em quando o sorriso azul d'uma saphira, mergulhada no ouro claro d'um bonito anel inglez...

Assim é o *Tout Paris* quando recebe nas suas salas Daudet ou Sardou, Coquelin ou Carolus Duran.

Mas quando Daudet não tinha com que pagar um *beef* para o seu almoço teado já escrito as *Amoureuses*; mas quando Sardou andava de porta em porta mendigando a honra de lhe lerem as suas primeiras peças; mas quando Coquelin era ainda um ignorado com muito talento e Carolus Duran não encontrava quem lhe comprasse uma tela — quem é que os comprehendia, quem é que seguia passo a passo as evoluções do seu talento, quem é que os applaudia? O *Tout Paris*? Era porventura o *Tout Paris* que lhes comprehendia o talento e que lhes dava a mão para que subissem?...

Qual historial! Era o público anonymo e publico dos jornais obscuros, dos livros baratos, dos theatros a baixos preços, o publico que muitas vezes se diz que não é ilustrado mas que tem uma alma para sentir e para comprehendêr; a massa, como se escreve desdenhosamente, que lhes fazia pouco a pouco a reputação, que os applaudia, que os apregava, que os impunha — que forçava (*forçar* é o termo) esse *Tout Paris* a voltar a sua cabeça frívola e prestar atenção aos que efectivamente tinham talento!...

E foi então para o *Tout Paris* poder ler Baudet ou Coppée que se mandou fundir um bom e belo eizer, que se mandou buscar um bom papel de Holland, e mais uma tinta muito fina e um optimo impressor, e se fizeram as caras edições de luxo com lindas aguas-fortes e encadernações doucetes — por que as mãos só de rosa das frágiles mundanas não podiam tocar nos volumes ordinarios de 3 francos e 50 que o vulgo compra à porta d'um livreiro, com um desconto caritativo de 75 centimos.

Confessemos que é delicioso — e adoravelmente ridículo!...

E por isso que o *Tout Paris* nada contesta e nada distroe. Quando elle é forçado a voltar a cabeca já a opinião está formada, já o talento se afirmou, já o artista é applaudido e é celebre.

O *Tout Paris* vem depois para dar a nota chic, a nota elegante, entre o grande publico que já bateu as palmas,

Só vai as primeiras representações dos autores consagrados ou dos theatros na moda. E quando não são primeiras quando vai aos espectaculos correntes, não pensem que em qualquer noutra compri o seu camarote ou o surfauteal debalcão e se sentado lado do publico anonymo que vai apreciando o artista sem pensar em fazer pose.

Não! O *Tout Paris* assim como tem as suas edições de luxo para ler prosas e poetas, também tem as suas noutras de luxo para ir ao theatro.

No *Comédia Franca* se escuta Molière, Hugo, Dumas ou Alquier, as terças-feiras, só vai ouvir Massenet e Léo Desbals as quintas à *Ópera-Comica*. Só vai ouvir Gou-

nas ou Ambroise Fibonaz as sextas à Grande Ópera.

Nesses noites, o mais obscuro e o mais honesto dos mortais, que temia vestido a sua casaca e metido na algibeira o preço d'um cadeado ou dum camaroço numérico — nesses teatros um único lugar.

E' o Teatro Ópera que está lá dentro. Espectáculo em família. Sózinho no alto mundo. Todos se conhecem na plateia; todos se conhecem pelos camarotes. A plateia faz a conta aos camarotes. E trocam-se sorrisos... e trocam-se olhares... e abanam-se ríe, vezes a círculo para se dizer que está bom, muito obrigado... hontem uma nevralgia... causa ligeira... mas passou logo... logo... com a morfina! Na cena se representou Molière. Na plateia os homens conversam de política, de Bolsa, de cavalos e d'amantes. Nas camarotes as senhoras falam de toilettes e de recepções. Ninguém se importa com Molière. Coquetin, sobre a cena, solta uma gargalhada mais alta. Todas as cabeças se voltam com surpresa. Os homens juntavam-se no clube e as senhoras nos seus salões! E' a grande cena das *Peccadoures Ridicules*. Ha um canto e profundo silêncio. Uma princesa na moda exclama da sua frisa, como que arrastada pelo entusiasmo, mas só para se fazer notar: «Adorável!...» E todo o público a exclamar ao mesmo tempo, num rumor de gente que assiste à missa: «Adorável... adorável!...» Ouve-se uma súria salva de palmas — pessoas que batem levemente com as pontas dos dedos sobre as costas da mão esquerda. Os leques batem nos parapeitos dos camarotes... Prestai-se homenagem a Molière! — E todos reconhecem os diálogos interrompidos até que o pão de caco. E o público perde-se pelos corredores e pelo foyer, esperando corajosamente que a campainha toque, que de novo o pão de caco suba — e que a peça acabe!

Mas o autor moderno precisa também que este público o aplauda, que este público o admire e o festeje. Especialmente o público feminino. E' de tanto orgulho saber que cabecinhas tão loucas e tão formosas também se inclinam sobre o seu livro aberto sobre os delicados joelhos; saber que aquelas frases tão quentes que um fino artista produziu, são devoradas com febre e prenderam longos minutos a atenção d'uns olhos que tornariam muito feliz alguém — se desse fitassem esse alguém apenas por dois segundos!...

E depois, embora por luxo, embora por moda, abre-se-lhe as portas dos afamados salões. Monde où l'on connue... mas só ali se encontra o mundo oficial e só ali, na maioria dos casos, se resolve se as portas da Academia se devem abrir de par em par, para receber triunfalmente aquele que a multidão já há muito consagrado.

Foi assim que entraram para lá — Dumas, Sardou e ultimamente Coppée. E assim que ha-de entrar em breve Alphonse Daudet.

Os salões de Paris são ainda uma grande força, que todo o homem de talento precisa conquistar e ter sempre ao alcance da sua mão. E muitas vezes mais seguro e mais prudente ter do seu lado o sorriso d'uma mulher — que a proteção de seis ministros!...

MARIANO PINA.

16 NOTA DE EA

*De teus olhos a languiça valora
Acompanhás dum tono misterioso
A tua voz suavissima de preta,
E o teu doce perfume religioso.
Se uma flor brilhante e magia se desata
Em teu rosto franzindo, vaporoso.
Nossas almas tranquillas arrebatadas,
— Andorinhas nuas no rumooso.
Irei procurar-te, e vejo-te, e contemplo,
Em torno a ti, a imensa paz d'um templo.
Onde as santas, severas, medievais,
Vão à noite, sombrias, suspirando,
Através das abobadas buscando
O clarão das estrelas inmortais...*

Agosto, 1884. — Porto.
Joaquim de Araújo.

PEDRO LUIZ

JORNALISTA, poeta, deputado, administrador, ministro e homem da mais fina sociedade fluminense, pertence este moço à geração S. J., que começou por 1860. Chamava-se Pedro Luiz Pereira de Souza, e nasceu no município de Araruama, província do Rio Janeiro, a 15 de Dezembro de 1843, filho do comendador Luiz Pereira de Souza e de D. Maria Carlota de Vitorino e Souza. Era formado em ciências sociais e judiciais pela faculdade de São Paulo.

Começou a vida política no folho de Flávio Farnese, a Actualidade, de colaboração com Lafayette Rodrigues Pereira, actualmente senador, e com Bernardo Guimarães, o aviósso poeta mineiro, há pouco falecido. Ao mesmo tempo iniciou vida de advogado no escritório de F. Octaviano.

Esse primeira phase da vida de Pedro Luiz dá vontade de ir longe.

A figura de Flávio Farnese, surge debaixo da penha e incita a recompor com elle uma quadra intima de fé e de entusiasmo liberal. Ao lado de Farnese, de Lafayette, de Pedro Luiz, vieram outros nomes que, ou cresceram também, ou param de todo, por morte ou por outras causas. Sobre tal tempo é passado um quartu de século, o espaço de uma vida ou de um reinado. Olha-se para elle com saudade e com orgulho.

Comhei Pedro Luiz na imprensa, fomos acasado tomar nota dos debates, elle, Bernardo Guimarães e eu, cada qual para o seu jornal. Bernardo Guimarães era da geração anterior, companheiro de Álvares de Azevedo, mas realmente não tinha edade; não a teve nunca. A noite juvenil era nesse a expressão do humor e do talento.

Nem Bernardo nem eu íamos para a milícia política. Pedro Luiz, dentro de pouco foi eleito deputado pelo 2º distrito da Província do Rio de Janeiro com os conselheiros Manoel de Jesus Valdetaro e Eduardo de Andrade Pinto. A estreia de Pedro Luiz na tribuna foi um grande sucesso do tempo, e está comemorada nos jornais com a justica que merecia. Tinha-se de um projeto concedendo um pedaço de terra a um padre Janeril, lazzuista. Pedro Luiz fez desse negócio insignificante uma batalla de eloquência, e proferiu um discurso cheio de grande alento liberal. Surdiram-lhe em frente dois adversários respeitáveis: monsenhor Pinto de Campos, que reunia aos sentimentos conservador, o carácter sacerdotal, e o Dr. Junqueira, actual senador; eram bons nomes feitos e tanto bastava a honrar o extremo orador.

As vicissitudes políticas fizeram-se sentir em breve.

Pedro Luiz não foi reeleito na legislatura seguinte. Em 1868, cabida a situação liberal, o conselheiro Octaviano tratou da fundação da Reforma, e convidou Pedro Luiz, que ali trabalhou ao lado da sua florido partido.

tinham, como antes, cultivado as letras, deixando algumas composições notáveis, como *O Voluntário da Morte*, *Terrível é Iher*, *Trântentes*, e *Nunes Machado*. A primeira destas tinha sido recitada por elle mesmo, em um caso da reunião da Quintalda, onde se reuniam alguns amigos e homens de letras; e loi um revivalismo de primeira ordem. Recitada pouco depois no teatro e divulgada pela imprensa, correu o império e intrassessou o oceano, sendo reproduzida em Lisboa, donde o Visconde de Castilho escreveu ao poeta dizendo-lhe que essa obra era um rali de leão.

Todas as demais composições tiveram o mesmo efeito. São, na verdade, chamas de grande vigor poético, raro calor e movimento lírico.

Não tardou que a política activa o tomasse inteiramente. Em 1877 subiu ao poder o partido liberal, elle tornou a Câmara dos deputados representante a província do Rio de Janeiro. A 28 de março de 1880, organizando o Sr. senador Saravia o seu ministério, contou com Pedro Luiz a pasta dos negócios estrangeiros, para a qual parecia-lhe indicado especialmente as qualidades pessoais. Num ocupou somente essa pasta, foi sucessivamente ministro interino da marinha, do império e da agricultura.

No ministério da agricultura, que elle regou duas vezes, e a segunda por morte do conselheiro Buarque de Macedo, encontrou-nos os dons, trabalhando juntas, como em 1860, mas elle agora ministro de Estado, e eu tan somente de oficial de gabinete. Cito esse circunstância para afirmar com o meu testemunho pessoal, que esse moço, suposto sybarita e indolente, era nação menos que um trabalhador constante e activo, zeloso do cargo e da pessoa; todos os que o praticaram de perto podem attestar isto mesmo. Deixou o seu nome ligado a muitos actos de administração interior, ou de natureza diplomática.

Posta em execução a reforma eleitoral, obra do próprio ministro d'ellen conselheiro Pedro Luiz, que então era ministro de duas pastas, não conseguiu ser eleito. Aceitou a derrota com o bom humor que lhe era próprio, embora tivesse de padecer na legitima ambigüidade política; mas estava moço e forte, e a derrota era das que lauream. Não tem alguns centenas de votos é apenas não dispôr da confiança dos outros tantas pessoas, coisa que não prejuga nada. O desdouro seria cahiamal, e elle caniu com gênio.

Pouco tempo depois foi nomeado presidente da província da Bahia, donde voltou enfermo, com a morte em si. Na Bahia deixou verdadeiras saudades; era estimado de toda a gente, respeitado e bem querido.

O organismo, porém, começou a deperecer, e o repouso e tratamento tornaram-selle inde-pensáveis; alcançou a demissão do cargo e regressou à vida particular.

Faleceu na sua fazenda da Barra Mansa, às 4 horas da madrugada do dia 16 de julho do corrente anno de 1884.

Era casado com D. Amália Vellim Pereira de Souza, filha do comendador Manoel de Aguiar Vellim, fazendeiro do município de Banaúla, e chefe ali do partido conservador. Um dos jornais do Rio de Janeiro mencionou esta circunstância:

«Tal era a amabilidade do caráter de Pedro Luiz, que, a despeito de suas opiniões políticas, seu sogro o prezava e distinguia muito, assim como outros muitos fazendeiros importantes daquela município, sem distinção de partido.»

Ninguém que o praticou intimamente deixou de trazer a impressão de uma verdadeira personalidade, podendo acrescentar-se que elle não deu tudo que era de esperar do seu talento, e que valia ainda mais do que a sua reputação.

Resta que um tanto sceptico, era sensível, profundamente sensível; tinha instrucção variada, gosto fino e puro, nada trivial nem chiqueiro, era cheio de bons dízios, e observava com raros.



O DINHEIRO DO PAPA

(DESENHOS DE S. ARcos)

H Fricassé :

— Que deseja, meu amo?

— Fica sabendo que Sua Santidade Pio VII deve chegar

amanhã à nossa terra.

— Chega? Ainda bem! Quem vai ficar contente, mas mesmo muito contente, é a minha mulher.

— Escute Fricassé. Tenho te por um bom homem, por um homem á direita, e por um excelente cocheiro.

— O melhor de todos, meu amo. Nenhum me leva a palma aqui por estes sítios.

— Além disso, tu és pai de trez filhos.

— De quatro, meu amo. E o quinto está em caminho. E espero em Deus que ainda não hante falar por aqui...

— Esta bom, está bom... Pois se tu me promettes que és capaz de cumprir como deve ser cumprida uma

sagrada missão, é a ti que a confio.

Fricassé abriu muito os olhos, cocou a cabeça, como se se tratasse d'alguma cousa sobrehumana.

— Prometres! insistiu o mordomo do papa episcopal.

— Palavra de rei, que prometço!

— Bem! ora fica sabendo, Fricassé, que és tu que vais ter a honra de conduzir o Nossa Santo Padre à egreja de Ponturac. Agradece o serviço, Fricassé!

— Se me agrada, com mil demais... Se me agrada? Ainda o meu amo me pergunta. Uma boa gorjeta que eu veia apanhar, que ainda ha-de valer mais que uma garrafa d'água ardente. Nunca Fricassé pensou ter relações com o dinheiro do Papa. E ha-de ter bem bons peixes no seu saquinho, o santo homem. E não foi por uma navalha velha que elle se incomodou a visitar cá os sítios e glorificar uma missa à egreja de Nossa Senhora. Aqueles é que

o dinheiro não custa muito a ganhar! Que contam riquezas daquelle sr. Papa!... Dizem que é uma coisa por lá além!

— Pois sim, sim. Seja o que for, o que eu não querer é que tu fases amanhã, ao meio dia em ponto, à porta do papa. Ouviste?

— Estou descançado, meu amo. Ao meio dia em ponto. E vou-me recolhendo. Com sua licença... Muito bons noites!

— Bons noites, Fricassé!

No dia seguinte, ao meio dia, Fricassé, de redeas na mão, fitas novas no chapéu, Fricassé, barbeado de fresco, escovado, penteadó, empomadado, ostentavam orgulhosamente em cima da almofada do berlindo pontifical, postada em frente da altíssima e larguissima porta do papa episcopal.

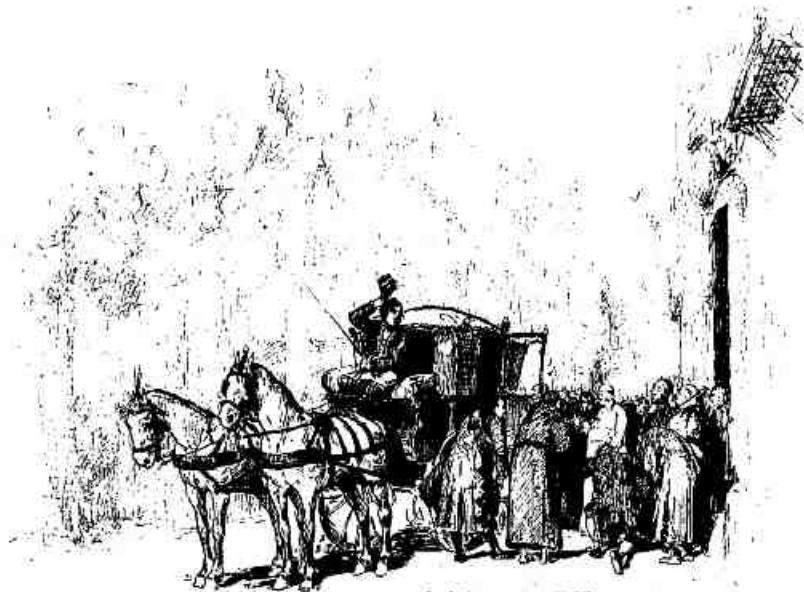
— Sobretudo, tinha-lhe recomendado a mulher, tem cautela



em não praguar como é tau costume. Pensa na pessoa que vais conduzir.

— E' um italiano, respondeu Fricassé. Não percebe palavra do que eu digo, e se me esquecer, e se praguar, para lá como um domínio, ha-de imaginar que estou rezando o Padre-nosso. Não tenhas medo, mulher!

Deu meio dia, — meio dia e um quarto : e nada de Papaá.



Fricassé, em cima da almofada, impacientava-se, rogado já a sua praga.

Sóia meia hora na cathedral; abre-se a porta. Emfim! Eis que surge uma onda de sotainas: sotainas pretas, sotainas cor de violeta, sotainas encarnadas; diaconos, acolytos e cumaristas; um mundo d'igreja, também salpicado de casacas bordadas, d'uniformes, de penachos e de chapéus de plumas. Um minuto de confusão; depois o cortejo formou-se; os penachos inclinaram-se respeitosamente, e as casacas bordadas fazendo uma longa reverência ajoelharam-se em filas diante do Homem Branco que avança, os dois dedos erguidos solemnemente, semeando bençãos com profusão.

Que bonito que era o Papa! Olhos muito pretos, humidos, um grande nariz à italiana, bocca grande... talvez para sorrir melhor. Parecia um santo!

Ei-lo que sobe para a berlinda; fecha-se a portinhola. Bate, cocheiro! O Papa espalha muitas bençãos. Fricassé atira duas pragas e a carroça fere lume sobre as pedras da calçada...

« Eh! Eh!... Arreda!... »

A villa continua de joelhos, boquiaberta, espantada, seguindo com a vista berlinda e cocheiro que vão fugindo.

« Eh! Eh!... Arreda!... »

A berlinda vai n'uma boa carreira.

E Fricassé, o chapéu cabido para cima da orelha, Fricassé assobiando uma cançoneta, vai pensando no melhor modo de gastar a boa gorgeta que lhe vai dar o Papa...

Tanto para a saia nova da mulher; tanto para as calças e para os sapatos dos rapazes... sem esquecer algumas moedas para a algibeira, para quando Fricassé precisar refrescar a guelta com o seu copito de aguardente...

Ah, como vai rolar o dinheiro do Papa!

E tic e tac! E só se ouve estalar o chicote! Nem subidas, nem descidas; sempre a mesma marcha, sempre a mesma velocidade até Ponturac.

Eis-nos chegados. Aquellas torres, que acolá se vêem subir por cima dos telhados, são as torres de Ponturac.

« Alto frante! »

A tirando com as rédeas ao primeiro moço que aparece, Fricassé desce da almofada, e dando encontro em padres e lacaios, vêe se collocar, de joelhos, diante de Sua Santidade.

O Papa aproxima-se lentamente, e pára.

Eis o grande momento, Fricassé!

A sombra d'un bom gesto alonga-se sobre a sua cabeça...

O Papa continuou o seu caminho.

E a gorgeta? Onde está a gorgeta?... Nada!

Nada no chapéu, nada na palma da mão. Nem uma amarela, nem uma branca, nem mesmo uma miserável moeda de cobre.

A benção secca... sem mais nada! Que quer isto dizer?

Um esquecimento sem dúvida. O imperador dos padres ainda não podia ter dito a última palavra. Veremos d'aquí a bocado.

E quando o Papa, depois de ter abençoado o seu clero, apareceu no limiar da porta, encontrou Fricassé, Fricassé de joelhos, mãos postas, chapéu em terra, atencioso, humilde, submisso como um cão.

Oh! o bom, o exemplar cocheiro! Repare, Santo Padre; e acredite que não encontra outro tão devoto em toda a cristandade.

O Papa continua o seu caminho. Abençoa para a direita, abençoa para esquerda, abençoa quando sobe para o carro; a portinhola fechada, ainda continua a abençoar: a berlinda parte, e o Papa abençoando sempre.

Bençãos, bençãos — e mais nada.

— « Avarento! » grunhio Fricassé levantando-se, e sacudindo com o lenço a poeira dos joelhos.

Quando entrou á noite em casa, Fricassé estava devêras furioso e envergonhado. Mais envergonhado, que furioso. Todos esperavam ansiosamente por elle.

Um Fricassésito acoito, mais dois agarrados ás saias e um quarto deitado nos pés, a mulher de Fricassé estava já saboreando a chegada do marido.

Apenas o viu ao longe:

— E então o Papa? O que é que te disse? O que é que te deu? Deixa ver a gorgeta!

E Fricassé:

— Não tenham pressa, e obedeçam-me imediatamente. Todos de joelhos.

— Para quê?

— De joelhos, já disse.

Uma... duas!...

E quando todos, grandes e pequenos, se ajoelharam, Fricassé, magostoso, a cabeça um pouco inclinada para traz, o gesto solene e religioso, lançou a cada um a sua benção.

— Tomem lá isto, meus filhos, e guardem nas algibeiras. Aqui está o que é o dinheiro do Papa!

Gu. VASCONCELOS

UM BANHO NO HAMMAM

(NOTAS SOBRE)

SEIS AVIA muito tempo que eu resumava a ideia de ir tomar um banho no Hammam. Estas duas silabas d'um timbre tão oriental evocavam diante de mim todo um mundo chimerico mas resplandecente. Quando se está ainda do bom lado dos 20 anos, e quando se é ainda por cima um mau poeta, basta às vezes uma palavra, um som musical, um vago perfume para que este doido que habita a agua furtada do poço edifício humana vista à pressa as suas azas de gaze com ocellos de esmalte, e se evole para um dos quatro cantos do horizonte.

Desse vez era para o oriente que este viajou e tudo quanto quinze annos de leitura de romances de Chateaubriand, de poemas de Byron, de bailladas de Hugo e de viagens de Gauthier haviam depositado no meu cerebro em imagens, em tropos, em termos tecnicos de architectura byzantina, em versos sarapintudos de cores, em rimas capitistas, subiu-me à flor da memoria como a areia de ouro à superficie d'um rio. Se fechava os olhos eu não via sem janelas germinadas, porticos lutobatos, arabescos vertiginosos, divans flexuosos, columnas d'um frágilidade hyalina, piscinas d'um só bloco de marmore, todo um Alhambra, resplandecente de cores, abrindo deante de mim as suas portas tauziadas de inscrições do Koran de par em par, sobre perspectivas infinitas, galerias reñilhadas, arcos transparentes como abertos em nacar, por onde se coava o luar semeando os muros de tululos brancos.

Hão-de dizer talvez que é necessário uma grande dose de boa vontade para architectar cpenstrução tão complicada sobre tão exiguo alicerce. Meu Deus, eu não o nego. Queria porém confessar que mesmo na vida real os pontos de partida são estreitos. O espaço de asfalto em que se firmou o pé para subir ao wagon do Orient Express, a prancha de madeira que nos conduz ao paquete do Pacifico não são realmente pontos de apoio de consideráveis dimensões, e comitudo em breves dias ali estamos nós em pasmaceira deante de Santa Sophia ou baraneando à sombra d'um coqueto peruviano. Voltando porém ao Hammam, outra coisa havia também que me exacerbara a curiosidade. Era o misterioso dos que já lá tinham ido, o piscar de olho, o risinho cheio de sublinhas, uma certa mansira de abanar a cabeça que me fazia logo pensar em aventuras românticas a cujo desenlace estivesse estreitamente ligada a elasticidade flexuosa dos divans e à dureza claridão das arestas de cortinados cár de rosa. Chegaria a esse ponto o vigor da cár local? O banho principiado em Paris dariá realmente em pleno paraíso muçulmano? Haveria hammams authenticos, expressamente escripturados para servir o café e os licors na hora voluptuosa da sexta? Porque não? A palavrão impossível não é parisiense sobre tutto em assumptos d'este ordem. Semin que o digum os boulevardis desde a Magdalena à Praça do Republica, a par de das 7 horas, o Café Americano depois da meia-noite, e sobre tudo essas passmosas lojas do bairro da Ópera, donde se entra para comprar um par de luvas e d'onde se sae com um par de razões para nunca mais lá voltar...

Na primeira vez que fui a Paris não pude satisfazer este capricho balneur. Um bilhete de ida e volta, seco e inexorável como um muquino israelito, concedera-me trez dias apenas; que passaram como esses panoramas que a gente avista através as portinhais das expressões. Mariano Pina foi o chefe de trem nessa viagem doida através de grande cidade. Ainda fui um calafrio ao pensar nesses meus dias,

Aquillo foi um turbilhão, um delírio, uma visita de Haulous Seos, um sonho de sabab!

De vez em quando eu queria parar. Mariano gritava: « Avante! » E pulavam os torres de Notre Dame para o zimbório dos Inválidos, dos labyrinthos do Louvre para os minaretes do Trocadero, dos homens de S. Miguel para os de Napoleão Bonaparte, agéis, incansáveis, freneticos, como se dentro de nós houvesse um demônio acuado de charão ou como se cumprissemos um fadioriente lobishomem. Hurrah! gritava Mariano Pina, e eu excitado por esse brado li a alegria d'elle, como Fausto atraç de Mephistopheles, n'aquelle galopada doida através das tentações, das chimeras, das visões encantadoras de Ópera, das monstrosas pisciformes do Bullier. Quando, passados esses meus dias e depois de nove horas sedativas de wagon, me restituído ao meu pequeno interior bordelez, tão silencioso, tão pacato, tendo em frente da sua modesta fachada a melancolia d'um hospital e um pouco mais longe a claridão tranquilla d'um largo d'onde no sombar da noite vem o clangor abafado de retrato, julguei despertar d'um sonho de fumador de haschisch, e, apalpando os meus ossos, para ver se estavam todos no seu lugar, perguntai a mim mesmo como sem dúvida o fez o personagem bíblico, se era bem certo que estivesse no ventre da baleia.

Quando voltei a Paris, realizei o meu projecto. Lembro-me de que foi n'um dia agreste e frio que me speciei a porta do Hammam, de cuja fachada conservo uma ideia confusa. Recordo-me apenas que no meio das casas graves e burguesas da rue Neuve-des-Mathurins ella produzia à vista suprehonlidade do estrangeiro o efeito que lhe causaria a presença inopinada d'uma odalisca, surgindo no meio de uma turba civilizada de tourtereaux ede chapéus de telha.

Logo que entrei, um homemzinho, irrempedimento d'um postigo, me reclamou a contribuição previa de 5 francos, que no estado de espírito em que então me achava, me pareceu a mais modica das sombras por que razoavelmente se poderia ser admitido à presença do divino Mahomet.

Um corredor estreito e de tecto baixo, um verdadeiro corredor de paquerete, alongava-se deante de mim. Para completar a similitudem via-se de cada lado uma fila de pequenas cabines, n'uma das quals se io passar o 1º acto do drama hydrotherápico de que eu era o protagonista. Um creado de casaco e gravata branca veio-me ao encontro e pediu-me que lhe entregasse os meus valores. Não foi sem um suspiro tão cavo quão apprehensivo que vi o meu relógio e a minha bolsa desaparecerem nas profundidades d'uma gaveta, que me pareceu n'esse momento — perdida-me o romantismo da imagem — um vórtice insaudável. Devo porém acrescentar, para honra do establecimento, que uma hora depois o vórtice me restituio aquelles objectos em perfeito estado de conservação.

O mesmo creado me conduziu em seguida até à porta d'uma das cabines, cuja mobília consistia n'um banco de madeira, n'um espelho e n'um cabide, tal qual como uma barraca de banhos. Foi no meio d'estes explendoros orientais que eu troquei meu complicado vestuario europeu pela elegante singeleza d'uma simples toalha de riscado e duas babouches de palha.

E agora o momento ou nunci d'umo invacão como se usse nas epopeias. Leitora ingenua e virginal, que lês com um sorriso benevolente estas despretenciosas impressões d'um compatriota, eu rupturei do Poite das Almas, afasta depressa os teus olhos cár do dia ou cár da noite — em qualquer das casas, cár do céu — afasta, repico, os teus olhos d'este ponto da minha narrativa, e fimede não veres abrir-se a porta da cabine e dar passagem a um sé magnetico e engalardo, trajando uma folha de vinha de riscado assim uma luneta e umas babouches de palha. Esse ser sou eu transformado n'um

turco provisorio e comprometido, a quem um guia servicial veio conduzir á entrada d'um pequeno corredor dos Dardanellos que num abrigo e fechar de olhos me transportou da correcta civilisação boulevardiana ao mais intenso sybaritismo oriental.

Achei-me em frente d'uma porta envidraçada a vitrine que se abriu de subito. Recuei por instinto. Vinha de lá dentro um vapor espesso, um halito de fornalha que me fez cambalar. Vencida esta primeira impressão penetrei no recinto misterioso. Só alguns momentos depois pude distinguir nitidamente os objectos. Das columnas avistavam-se recessos misteriosos, especie de alcovas sem portas, alongando enormemente a perspectiva e onde se agitavam formas confusas, parecendo por vezes lutar com furia e outras immobilizando-se em attitudes sinvergonhosas. Violam os rumores estranhos, phrases intercaladas, sons d'um timbre original, que se poderia talvez exprimir pela syllaba plach! accordando uma sensação de gordura molle e molhada, canhões de agua espaldonante em jarras que enchiham o ar de frescura. No centro do recinto alvejava um disco de marmore de cincuenta ou sessenta centímetros de altura em torno do qual se refastelavam em cadeiras de lona, cinco ou seis individuos na mesma toilette paradisíaca em que eu me achava. De um para outro lado, transportando baldes d'água, toalhas, esponjas, circulavam silenciosamente os serviços do estabelecimento — entre os quais um magnifico prego de seis pés de altura — cujo trajo se distinguia do trajo dos banhistas por consistir n'uns pequenos calções a meio da coxa em vez da tanga de riscadinho azul.

E-me impossivel comunicar as impressões por que passei logo que, sentado n'uma das cadeiras de lona, podia circumvir a vista pelo local em que estava. Confesso que me senti muito perturbado, ignorando o modo por que me havia de conduzir n'aquele passo da minha vida. Esta impressão de resto nada tem de extraordinario para mim. Toda a minha existencia tenho sido uma victim d'ella, mesmo nas occasões mais simples e banais, — a ponto de mal poder falar e de sentir o coração bater até a boca, no instante de entrar n'uma sala onde estão mais dezena de pessoas familiares e amigas. O recio vago d'um ridículo possivel, d'uma queda de costas, d'um cumprimento desastrado, d'um espirro imprevisto bastam a agitarme como se me achasse em frente d'um verdadeiro perigo. Alli entao, no meio d'aquelle sociedade desconhecida, sentia-me tão deslocado, tão ignorante do que se ia passar, tão provinciano, com o meu paupimundo de riscado atado em volta da cintura, que não atinava com a attitudem que havia de tomar na minha cadeira e a minha confusa subio de ponto quando, por não saber o que havia de fazer dos braços que me pareciam leves como canetas de cortiça, procurava, para me dar um certo ar à vontade, meter as mãos nos bolsos, sem me lembrar de que estava n'í

Felizmente os meus 5 ou 6 companheiros estavam de tal modo absortos na leitura dos jornais de manhã que não deram atenção ao meu embarraco. Puz-me então a analysar os, mas, ai de mim, já tanto aquele passo de baixo das pontes depois disso que os seus peris se me devaneceram da memória. Lembro-me apenas d'um inglez enorme, ruivo, de suisses brancos, que transpirava com uma energia realmente notável. Vim a saber que era um comodoro reformado, yellow freques do estabelecimento, que seguia um terrivel tratamento hydroterápico para combater uma obesidade patinaz. Com os pés sobre o disco de mármore recostado confortavelmente o Times à altura do nariz, o velho comodoro diguiu a leading article, pacientando absolutamente insensivel aos 45° de temperatura ambiente que o transformavam n'uma verdadeira cascata.

Decorreram assim 15 minutos talvez. Eu ja

não podia mais. Dirigi-me ao preto e perguntei-lhe o que havia de fazer. Com grande espanto meu, tomou-me pelo braço e conduziu-me a um pequeno quarto mobiliado com um divan de marroquim. Apezar da francesa ininteligível do meu guia, pude compreender que era necessário permanecer 5 minutos dentro do tal quarto. Isto que a princípio parece a coisa mais simples d'este mundo, comecei a não o parecer tanto, logo que se saiba que assim que puz um pé sobre o asfalto que servia de soltrada, o levantei no ar, saltando um grito. Esta operação porém obrigou-me a collocar no chão o outro, que me apressei a recolher logo e assim, com um pé no chão e outro no ar, alternadamente, pude approximar-me do divan no qual me sentei, julgando encontrar n'ele um refúgio.

Conhecem o velho cliché que serve para dar ideia d'um movimento rápido, nos romances da boa costa. — *Como que impelido por mola oculta.*

Pois bem, é o momento de a empregar. *Como que impelido*, etc., me achei de novo em equilíbrio sobre os calcinhas. O marroquim do divan queimava. O asfalto queimava. Conforme pude, acerquei-me d'um termômetro centrifugado, suspenso d'um bico de guz. Mareava 80 graus!

Entretanto sentia o pulso acelerar-se, o suor borbulhava-me da pele, as fontes batiam-me com violência, o coração parecia querer romper-me o peito. Chamei o negro, que me levou para uma das alcovas contíguas à sala circular e me obrigou a estender-me sobre uma espécie de leito de mármore, tendo por simples travesseiro um rolo de madeira.

Então começou uma cena cuja recordação me faz ainda hoje arripiar todo. Assim que me apinhou estendido sobre o leito de pedra e para me dar sem dúvida uma ideia sumária das amerenidades que me esperavam, o preto principiou por me torcer um, depois do outro, os dedos das mãos e dos pés, a ponto de elles exhalarem estalidos de pura aflição. Depois entrelaçando na minha a sua mão comprida e larga como a espadua d'um carneiro Dishley, esticou-me uns dos braços com toda a força, oppoendo a outra mão no meu hombro, curvou-me esse braço treze ou quatro vezes e quando lhe pareceu que era bastante, passou a fazer o mesmo ao outro. Acabada esta tortura entrou a beliscar-me, a arrepunhar-me, a esfregar-me, a amolgar-me, a amassar-me, a dar-me grandes palmadas com a mão óca e isto sorrindo, cantarolando, mostrando os seus dentes brancos que brilhavam através da polpa carnuda dos seus labios de cinabrio. Pouco a pouco sentiu as forças diminuir, exgotarem-se, escaparem-sé pelas extremidades, como um fluido subtil, uma lassidão invencível apoderou-se-me dos meus membros, parecia-me ter nas palpebras um peso enorme. Foi então durante alguns minutos um pedaço de argilla plástica nas mãos de um estatuário preto — especie de argamassa rosamente modelada, que elle tentava corrigir das imperfeições naturaes, com o fim secreto talvez de humilhar o Creador. Mau grado meu, a ideia absurda de que ia sair das mãos do preto muito diferente do que era e de que nunca mais conseguiria voltar à minha primitiva configuração, quando acabasse aquella sessão de modelagem *in anima viti*, enchia-me o espírito d'um vago terror, não que eu tivesse muito a peito o conservar as minhas formas primitivas, — oh! não, antes pelo contrario! — mas pela série de aventuras e surpresas que seriam as consequências naturaes do meu involuntario *avatar*. A fadiga soporífera que se apoderara de mim exagerando as concepções do meu espírito — já eu me via à bulha com toda uma cohorte de embarracos, sózinho no meio de Paris enorme, repudiado pelos meus, desconhecido por todos, demitido pelo governo, que nunca reconheceria n'aquele ser extra-humano, producto d'uma inspiração etíope, o funcionário modesto que lhe expediu relato-

rios de Berdeus. Para me livrar d'estas visões importunas, abriu um olho vago e meio turvo pelo sommo, mas n'esse instante via juntar de mim a grossa cabeça do negro, tudo entregue ao seu trabalho implacável, o seu nariz chata, a sua pupilla luctuosa, a sua lá crespa e intrans... e apressava-me logo a fechá-lo, preferindo as extravagâncias do sonho aquella preta e bediona realidade.

Quando não houve na face do meu ser que estavam virada para cima nada mais que amassos, o preto virou-a para baixo, erguendo-me em peso no ar, com um leve esforço dos seus bípedes de aço, e depositou-me delicadamente de braços. Confesso que quando me vi com a nariz sobre o topo de pinho e estendido ao cumprido sobre a carne de pedra como um grande peixe exposto à venda, me senti extremamente vexado, e a unica sensação de consolo que experimentei — assim é o egoísmo humano! foi ver perto de mim, n'uma leito igual, mas ainda na phase supina do seu supplicio a grande phoca do commodoro inglez, vermelho como um camârão e resfolgando como um cetaceo à tons de agua. Junto d'elle um *masseur*, loira e estílico como um espargo de malho branco, perdia o folego a amolar aquella massa enorme. Ocurreu-me de subito a ideia de mandar o meu preto para o commodoro e de tomar o espargo para mim e ia a manifestá-la, quando me senti partir pelo meio!

O preto apoiara um joelho nos meus rins e carregava com toda a força. Depois, erguendo-me pelos homens, levou-me para um quarto contíguo. Penetrado d'um fatalismo todo oriental, eu nem sequer lhe perguntei o que é que elle ia fazer de mim.

Aqui os acontecimentos precipitam-se. Estou sentado n'uma cadeira de pau, em frente de uma grande concha de marmore, sobre a qual duas torneiras vertem agua quente e agua fria. O preto desaparece um instante e volta trazendo uma bacia cheia de massa de sabonete de amendoa, espumante, aberta em capulas tenrasissimas, como uma mesquita árabe. Unta-me de alto a baixo com frenesi. Todo eu sou um grande pedaço de sabão de amendoa ou uma grande mesquita árabe como quizerem. Em seguida enche outra bacia de metal com agua morna e emborcha-me pela cabeça abaixo. *Hie*, perco a noção de mim mesmo, agito os braços, engulho sabão, salpico de branco o preto que busca tranquillizar-me. Outra camada de sabão tira-me a fala, outra douche de agua morna tira-me o alento. Já não tenho que resistir. Estou alli para o que quizerem. Nova ensabadeira, seguida de nova douche. O preto atira-se a mim com uma luva de crina e esfrega-me como um desesperado. A minha pele passa por todos os bermos e diexes do vermelho, desde o cárde rosa tenue até o escarlata estridente. Quando me vé pouco mais ou menos seco, lava-me para outra sally. Ah! com uma agulha de bomba, zebra-me o corpo com um jorro de agua fria, de alto a baixo, de lado a lado, vergastando-me, chitoteando-me, fazendo respirar a agua até o teatro em poeira finissima. Outra fricção! Achou-se! *Ouf!* Estou salvo!

Esqueceu-me dizer-lhes que me haviam tirado a luneta no principio do *massage* e que tudo d'abi em diante se passara n'uma espécie de bruma confusa que augmentava o meu stordoramento. Para sahir da sally da douche, o preto guiou-me como um cego. Attravessei o recinto circular, uma porta abriu-se, senti de repente um degrau de baixo dos pés e agarrei-me ao preto.

— Desca, *moussir*, disse-me elle e como eu me não apressasse, empurrou-me um pouco pelos homens, o que me fez perder o equilibrio. Vam! Achei-me dentro d'agua até o pescoço, n'uma piscina de marmore, longa de 7 ou 8 metros. A agua exhalava um forte cheiro a cigarro. Puz-me a nadar e em duas braçadas acceguei na extremidade oposta. Nisto ergo os olhos e vejo diante de mim uma figura vestida de branco, que me estende os braços. Céus!

Lá vêem! Trepo rapidamente a escada e calo entre as pregas d'um lençol turco que me apresenta um ephebo do meu tamanho, com um bucho enorme, vestido com uma tunica de linho e possuidor da carne mais alvar que tenho visto nos dias da minha vida. O ephebo estreaga-me com uma consciencia levada ao escrupulo, embralha-me n'outro lençol seco e conduz-me a um divan, ilocdo já se sabe, como todos os divans, onde me alongo, tudo embrulhado em mantas, a cabeça guarnecida a um turbante, apoiada em coxins d'uma sarja oriental, zebriada de amarelo e azul.

Timbre de minh'extende-se um vasto espaço que recorda uma scena theatrical vista dos nostros. De cada lado duas galerias rendilhadas limitam as cinzeluras d'um grosso Alcazar. Aqui e acola palmeiras irrompem de coixões verdes dispostos theatricalmente para efecto oriental. Por toda a parte reposteiros manchados, e portières Dmas, de cores exóticas compridos provavelmente no *Bon Marché*, mas de suficiente efecto decorativo, deixam iluminar as suns dubras梯gradas de riscas paralelas. Pelas paredes serpentem legendas árabes, arabescos vertiginosos de cujo inextricável dedalo, a olhar, uma vez captivo, consegue a custo evadir-se. Os vidros de cores tamissim uma claridade opalina que ainda outra vez se quebra contra os stores de *satinette* rosa, antes de chegar as pupilas, transformada n'uma caricia luminosa e meiga. Por entre as columnatas, as pôltas decossas, os puff's e os divans, circulam criados com bandejinhas mezinhas portateis. Trazem-me um chocolate flanqueado de brioches folhas como mousseline. Sinto nos olhos um peso enorme. Um nevoeiro sue da terra e sobe como uma novente de magica até o teclo. Tudo se afasta, se distorce, perde o contorno, a cor e pouco depois sinto-me levado através deses espacos por uma teoria de eunuchos pretos, que tecem todos a cara bonacheirona do meu *masseur*. O céu abre-se, e Mahomet elle proprio, trazendo pela mão uma *hanoum* velada e coberta de gemmas preciosas, avança para me receber ao som de flautas e timbales. Mas tudo se confunde ainda mais. Mahomet perde a gravidade e pretende massar-me outra vez. Resisto com furor! N'isto a houri entrebre o ferdjé de purpura e desvela-me as fauces do commodoro inglez! É demais! Não posso com tantas emoções! Ponho-me a resonar de despeito!...

Quando me achei de novo na rua Neuve des Mathurins, com o meu chapéu baixo, a minha luneta e o meu sobretudo cárde de castanho, senti em mim qualquer coisa de extraordinario. O meu corpo perdeu o peso ou a terra em quanto eu dormia perdeu a densidade. Parecia-me poder voar com um pequeno esforço. Em quatro pernadas atravesssei a rua Auber, convive-me para não sair por cima do zimbório da Opera, galguei o boulevard de Magdalena e o de Malherbes (Deus sabe se elle é longo!) em 10 minutos. Quando cheguei a casa levantei o pé para subir um degrau e achei-me no alto do patamar, leve, fresco, risonho, respirando a plenos pulmões, feliz de viver por viver...

Tal é um banho no Hammam.

JAYME DE SEGUIN.

Septembre 1884.

Vim a saber depois que o preto do Hammam ganhou um premio de 50.000 francos na loteria das Artes Decorativas. Decididamente não ha uma justiça no Ceu!

M. do A.

A Illustração publicará no proximo numero um magnifico retrato d'Ilustra drenature d'frances Alexandre Dumazet filhe, um dos autores das *Divines Comédies* em scena no theatro da Porte-Saint-Martin, de Paris.

Este retrato é da magnifica tribuna de *Monde*, orador artístico Ono Baudé.



BRAZIL. — Uma vista do Amazonas. — Desenho original de F. Villaça.



RECORDAÇÃO D'ITALIA.

*Jamais plus! jamais plus! Les ronges et les espérances
Sont les colibris d'ex régions du Levant,
Qui chassent pour nous les sols des enfants.
Et quand la neige tombe déjà sur notre route,
Et quand l'hiver atteint notre tête, alors
Les pauvres colibris, hélas! soutiennent le froid.
Et nous quittent, en nous laissant le cœur vide.
Mes soins, la vie est un soleil qui arrive au zenith
Alors que chanteut en nous ces chansons célestes;
Son aurore est un berceau, et son couché est un tombeau.
Il se lève parmi les rivières et il expire parmi les cyprès.
C'est pourquoi, quand le soleil de la ride décline déjà
Nous montrent au loin les ambres du couchant.
Il nous est doux de nous arrêter sur la versant de la colline,
Et de retourner en arrière notre regard planifié,
En arrière, vers les temps éloignés.
Si pleine de chansons, si pleins d'ivresse,
Hélas! la jeunesse est comme la fleur du latin,
Qui en cent ans fleurit à peine une fois!*

*Recordam-nos vozes do bom tempo d'autorua,
Dum tempo que passou que não volta mais,
Quando lanças a vir pelo existencia fora
Alegres como em júlio os bandoz das pardas?
Crazevam-nos a fronte um dialema d'autura,
E n'usso coração vestido de esplendor
Era um divino abrigo radiante, onde as abelhas
Vinharam sugar a mel na baixalha ou flor.
Que doíramos canções nossas dôcas vermelhas,
Não tancaram entoas perdidas pelo ar...
Mil chimeras de glória e mil sonhos dispersos
Canções feitas sem verso,
E que não nunca mais havemos de cantar!*

*Nunca mais! nunca mais! Os sonhos e as esperanças
São auras colibris das regiões da alvorada.
Que escalam para nublhar os peitos das crevças.
E quando a neve casou sobre a noiva estrada,
E quando a inverno chega a nossa alma, então
Os pobres colibris, evitados, sentem frio,
E deixam-nos a nua coração vazio,
Para fazer o nublhar em outro coração.
Meus amigos, a vida é um sol que chega ao cumulo,
Quando cantam em nós essas canções celestes;
A sua aurora é o berço, e o seu ocaso é o túmulo:
Engane-se entre as rosas e expira entre as ciprestes.
Por isso quando o sol da vida já declina,
Mostrando-nos ao longe as sombras do pornte,
E' nos doce parar na encosta da colina
E volver para traz o nosso olhar plangente,
Para traz, para traz, para os tempos remotos
Tão cheia de canções, tão cheia de embriaguez,
Por que aí! a juventude é como a flor do lotus,
Que em cem anos floresce apenas uma vez!*

Mais la maladie est venue aussi anéanti, comme Antho de Quental, ce vaillant poète qui initia, à l'instar de Hugo, vibrer puissamment l'alexandrin. Il y a longtemps que nous attendions son poème annoncé de la *Mort de Schobert*; mais on désespère aujourd'hui de le voir jamais parachevé; tant la vie du poète se passe mélancolique et triste entre des drogues de pharmacie et des prescriptions contradictoires de médecins, dans une ville de province, où l'artiste jouit à peine du spectacle consolant de l'immense étendue de notre Océan azuré, une vraie mer d'odyssee, toujours mouchelette de nombreuses vagues latines, blanches comme des viles de colonie, qui entraînent nos pêcheurs au loin, là-bas, là-bas, vers les côtes d'Afrique!

Je voudrais vous parler d'autres encore :

Théophile Braga, qui a abandonné la poésie pour devenir un savant et éminent professeur d'histoire et de littérature;

Gonçalves Crespo, mort il y a un an, qui dans les *Minatures* et les *Nocturnes* s'est révélé le plus fin et le plus aristocratique des l'arnaniens, digne de parcourir les mondes de l'idéal à côté de Coppe;

José Penha, le chansonnier extraordinaire du notre vin, ce breuvage précieux et divin qui paraît avoir reçu des laves de quelque volcan toute la chaleur qu'il nous transmet, réglé de ces bons lords anglais, lorsque apparaît le riant dessert et que dehors le brouillard tombe, tombe lentement, trempe, gatou tou; José Penha, celui des modernes qui sait le mieux burilar un sonnet et faire vibrer la corde de l'ironie;

Gomes Losi, un halluciné romantique, qu'un maudit vent de politique a changé en un poète de meetings, mais qui est toujours resté l'artiste inspiré des Clartés du sud ou *Claridades do sul*;

Je voudrais vous parler aussi des nouveaux : Jayme de Seguer, de qui nous avons déjà un livre qui renferme des vers rappelant tour à tour la forme enchanteresse de Catulle Mendes et d'Armand Silvestre; Joaquim d'Anzo; Cesario Verde, jeune poète d'une originalité frappante, un inconnu comme Paris seul sait en produire dans les centres irrévérencieux de Montmartre et du quartier latin; Luiz de Magalhães, et bien d'autres encore.

Le temps me manque aujourd'hui pour parler d'eux consciencieusement. Chaque artiste, et spécialement chaque poète, est tout un monde, un trésor complexe de sentiments. Ils exigent beaucoup d'études et bonnes coupes de pages.

Si le sujet est sympathique, j'y reviendrai et je rischerai de faire passer devant les lecteurs, autant que le peut un simple journaliste, la gloire des légion des poètes portugais modernes. Si à l'heure qu'il est il y a rareté de livres nouveaux sur le marché, puisque l'époque va

toute à la prise, nous pourrons revoler les poésies anciennes. Quand je dis anciennes, la plus vétuste aurait au plus vingt ans; c'est époque de la jeunesse palpitante de vers et de force, je crois même qu'il est l'âge convenable pour en parler; déjà ne v'entend plus l'écho des eloquias antiques, et survient seule l'enthousiasme des œuvres mûrissantes d'une seconde jeunesse, qui illuminent éternellement une éminette de génie.

Les vers sont comme le bon vin: vingt ans de cave le changent et le font si pur en si divin qu'il méritera de n'être bu que par les fainéants et par les artistes!

MARIANO PINA.

AS NOSSAS GRAVURAS

A COMÉDIA FRANCEZA

Os teatros de Paris estão todos em actividade, e todos preparam n'este momento, cautelosamente, as peças novas que há-de ser o grande sucesso do inverno de 84-85.

Um dos lados da vida parisiense que mais importância tem para o público português e brasileiro é sem dúvida o lado dos teatros. Os emprezarios de Lisboa e do Rio de Janeiro esperam ansiosamente as peças novas que maior êxito obtengam em Paris para imediatamente as oferecerem ao seu público. E os escriptores disputam febrilmente entre si a primazia das traduções — o que faz com que muitas vezes as traduções sejam más, e a cada instante desprezados os direitos de propriedade literária.

As considerações que o assumpto nos sugere são varindissimas — mas não entram no programa d'esta secção. O que nos cumpre dizer aqui, é que a pagina interessantissima que oferecemos hoje aos nossos leitores é a abertura das nossas novidades teatrais. A *Ilustração* ha-de pôr o seu público ao corrente de todos os acontecimentos — dando desenhos das peças que tiverem mais voga, retratos dos autores que forem mais aplaudidos, retratos dos artistas que fizerem as mais celebres creaçoes.

A nossa gravura de hoje representa a escada principal da *Comédia Franceza*, da chomada « casa de Molière », em noite de terça-feira. E dizemos « noite de terça-feira », por que não é na *Comédia* uma noite como todas as outras. É a noite especial dos seus assignantes, é a soirée elegante, a soirée destinada à primeira sociedade de Paris, que ali vai em rigorosa toilette de baile.

Nas terças-feiras o espectáculo é sempre dos mais escolhidos do repertorio moderno ou do antigo, são as recitas a cupricho, onde entram sempre os primeiros artistas. Nas terças-feiras é um dever de todo aquelle que se diz parisiense da alta sociedade comparecer n'aquelle teatro. É por isso que nunca se encontra à venda no bilheteiro nem uma cadeira, nem um lugar de balcão, nem uma frisa, nem um camarote de primeira ou segunda ordem.

N'essas noites o aspecto da *Comédia Franceza* é verdadeiramente deslumbrante, e só ha de superior em Paris um espectáculo de gala na Grande Opera.

Basta olhar para a nossa gravura para se formar uma ideia de todo esse mundo que invade as terças-feiras o teatro nacional de declamação.

As trez portas no alto da escada dão entradas para os corredores da primeira ordem e do balcão. A porta que se vê à esquerda é a que dá entrada para o foyer do publico, todo guarnecido de bustos de mármore dos mais célebres autores dramáticos e onde existe uma soberba estatua de Voltaire.

A *Comédia Franceza* ha 1,400 lugares. Cada lugar de camarote e de frisa varia entre 8 e 10 francos e o preço de cada cadeira é de 6 francos. Estes preços só são válidos uma hora antes de começar o espetáculo. As pessoas, porém, que desejam marcar com antecedência d'horas

e mesmo de dias os seus lugares para tal recita que se anuncia nos cartazes, tem de recorrer ao chamado *bureau de location*. Ali paga-se 2 francos a mais por cada lugar de primeira ordem, e como se procede sempre d'este modo para todas as peças de sucesso, o preço regular de cada cadeira é de 8 francos.

A *Comédia Franceza* é um teatro do Estado, com uma avultada subvenção, tendo à sua frente, na qualidade de administrador geral nomeado pelo ministro de Bellas-Artes, o Sr. Emile Perrin, cuja sabia administração tanto tem contribuído para a florescência em que hoje se acha este teatro, que se pode chamar sem receio o primeiro teatro de declamação, que existe sobre a terra. É aqui que se educam e que se tem educado todos aqueles que hoje representam magistralmente o teatro contemporâneo. Uma prova é o teatro de D. Maria de Lisboa que só procura seguir em tudo a *Comédia Franceza*, graças ao talento, ao bom gosto artístico de trez actores de primeira ordem — Brazão, João Rosa e Augusto Rosa.

UMA VISTA DO AMAZONAS

Franisco Villaça é um distinto artista muito conhecido da colonia portuguesa e brasileira que habita o quartier Latin em Paris. É um pintor de muito mérito, que entrou na arte como um apaixonado, por sua livre vontade, sem recomendação ou proteção oficial, abandonando a vida do commercio que elle seguia no Rio de Janeiro, para vir para Paris aprender pintura nos ateliers dos primeiros artistas. Ha annos que elle habita a grande cidade, trabalhando sempre, mais ou menos, por entre as irregularidades de todas as existencias de artistas — por que a este succede um facto curiosissimo. Portuguez, abandonou muito novo o seu paiz e o seu público nada o conhece. E tendo habitado por largos annos a capital do Brazil quem, a não ser algum amigo, o conhece como pintor?

E em todo o caso elle é dotado d'um magnifico talento, d'um talento brilhantissimo, que poderia produzir muito, se o artista tivesse recursos para continuar a estudar como elle queria e ambicionava, sc elle podesse fazer uma larga aprendizagem em Italia e em Hespanha.

O que estamos dizendo não é elogio; é simplesmente a verdade. Reparem os nossos leitores no magnifico desenho que representa uma vista do Amazonas. Não é o trabalho d'um artista que começa; é a obra d'um artista já feito; é um desenho de primeira ordem, d'uma grande elegância de traço, que lembra, pelo exemplar da natureza, as paginas de Riou que ilustram as obras de Jules Verne.

O Amazonas é o maior rio do globo, em volume d'água. Nasce do lago Lautichocha no Peru, corre no seu principio para o Norte e depois para Leste, atravessando o Peru e as províncias brasileiras do Alto Amazonas e Pará, e lança-se no Oceano Atlântico depois de um curso de 6,000 kilómetros. Antes de entrar no Brazil tem os nomes de Pungarajá e Maranhão, e no Brasil o de Solimões, ató receber o de Rio Negro, e depois Amazonas propriamente dito.

ITALIA

S os assumptos italianos são n'este momento os grandes assumptos da actualidade, pois que infelizmente o italiano tem feito em Itália e especialmente em Nápoles tantos centenários de victimas que toda a Europa oia com piedade para que com o delicioso paiz por onde agora está passando um grande vento de desgraça.

Em vez de procurarmos assumptos tristes e luctuosos tratemos de falar de assuntos encantadores que lembrasse à Itália, não nos esquecendo

bonimento, mas nos quados de paz e de felicidade.

A nossa gravura *Reconciliação d'Italia* é considerada soberbo quadro de Boultier, uma verdadeira obra-prima da arte moderna, pela grande delicadeza do desenho e simplicidade de composição. O quadro representa uma Napolitana dando de comer a um bando de pombos, uma destas adoráveis Napolitanas tão conhecidas como modelo de pintores.

A nessa outra gravura da página 173 representa um carriero das proximidades de Roma, um destes tipos vigorosos, de olhar energico e firme, como se não encontram iguais nos outros países da Europa, tipo meio selvagem e meio artístico, sempre sympathetic e nunca banal.

O quadro de Echler pertence ainda há poucos anos à galeria de Goupil, o primeiro negociante de quadros que existe na Europa. O desenho da página 173 é de Bocourt, um artista de

grande e apreciado talento.

PEDRO LUIZ

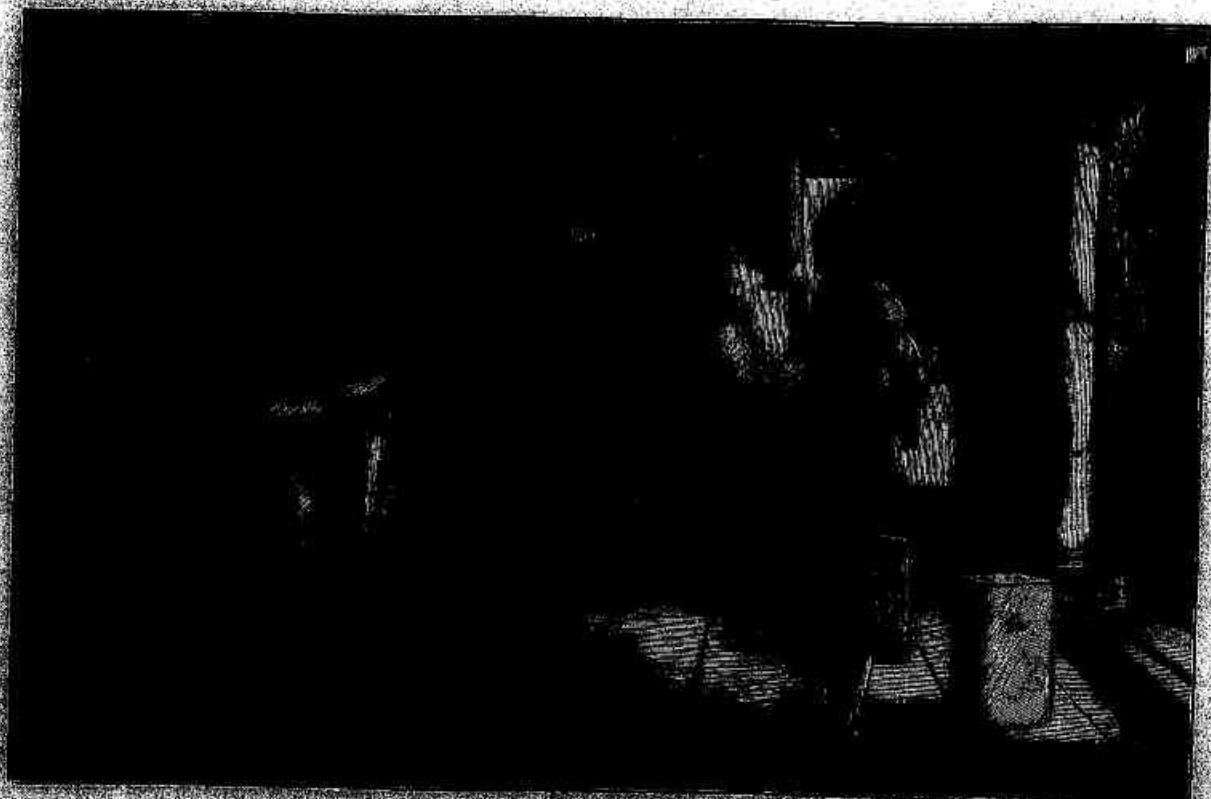
N'OUTRO SÍTIO DO NOSSO JORNAL ENCONTRARÃO OS LEITORES A BIOGRAPHIA DE PEDRO LUIZ, DEVIDA À PENNA DO ILLUSTRE ESCRITOR BRAZILEIRO MACHADO D'ASSIS. É COM VERDADEIRO PRazer QUE NÓS PUBLICAMOS HOJE UM ARTIGO FIRMADO POR UM DOS NOMES MAIS SYMPATHICOS E MAIS NOTAVEIS DO IMPÉRIO, COMO É O DO SR. MACHADO D'ASSIS, ROMANCISTA E POETA BRILHANTISSIMO.

A *Ilustração* conta actualmente um grupo de colaboradores brasileiros dos que mais sympathias gozam entre o público fluminense.

Entre os nomes de poetas e prosaadores que aparecerão regularmente nas columnas do nosso jornal encontram-se os nomes de Luiz Delfino, Luiz Murat, Valentim Magalhães, San'Anna Nery, Ferreira d'Arnujo, etc.

PEDRO LUIZ, Poeta brasileiro.

(Falecido em 16 de julho de 84)



A CHINA CONTEMPORÂNEA — Um exame de soldados



ITALIA — Um membro das proximidades de ROMA, que é

A CHINA CONTEMPORÂNEA

No ultimo número da *Illustração* já tivemos occasião de falar dos famosos exames de soldados na China. Voltamos hoje de novo ao assunto apresentando uma outra gravura onde se vê um militar na sua díxame em Cantão, movendo uma grossa pedra do peso de 80 kilogrammas.

E um costume antigo da China, que todo o soldado e principalmente o soldado tartaro, para poder passar a cargos superiores, deve saber mover este enorme rectângulo de pedra que dois pedreiros europeus não teriam forças para mover. Fazem-se na pedra duas cavidades para que a possam facilmente agarrar. Então o hercules tartaro ajoelha-se, serranamente, sobre a perna direita e coloca o rectângulo sobre a côcha esquerda; depois agarra na pedra e levanta-a à altura do peito; n'este momento é examinando deitá-se para traz, estende os braços, e tem de sustentar no ar o pesoado fardo. Os soldados provam sucessivamente d'este modo, que os seus braços, as suas pernas e os seus rins são capazes de suportar um peso de 80 kilogrammas.

Nas salas dos exames vêem-se todas as espécies de armas chinesas, arcos, flechas, etc.; grandes pedras de pesos variados, cadeiras d'honra para os mandarins militares que andam em inspeção pelas províncias; e sempre ao fundo da sala, por que a religião em tudo se move, um altar onde se vê um deus guerreiro, às vezes Pak-Tai, o deus do Norte, outras vezes Couang-Ti, o deus dos soldados, outras Ling-Yao-Ki o deus dos arcos. Porcima do deus, na parede, grandes palmas com flores de papel dourado, iguas às que se usam em Portugal e Espanha nos domingos de ramos; sobre o altar, um cachimbo d'água, diferente na forma dos nargilehs turcos, uma charca de cera e uma espiral odorifera feita com incenso; no chão, sobre um taborete, dois castiçais e o defumador onde queimam bocadinhos de Sandalo.

Depois d'isto, se os manecos tartares não sahem aprovados nos exames a culpa não é nem dos deuses, nem dos babeias professores que são enormemente rigorosos nos estudos que ensinam.

NOTAS E IMPRESSÕES

A MAIOR parte das fatalidades e desgraças que nos sucedem é devida a que nós só muito tarde é que nos conhecemos.

D. STERN.

Quando o chefe do Estado deixa passar um dia sem se ocupar dos negócios públicos, o povo é que sofre durante um anno.

A peito de todas as câmaras e em todo o caso preferível à mais brilhante das ante-câmaras.

CAVOUR.

Aquelle que ama a sua pátria absolutamente, seguramente, extaticamente, nunca será mais do que a metade d'um homem.

EM. AUBR.

A história é a canção, e a própria pátria através dos séculos.

GUIZOT.

Palavras curtas e precisas, representando ideias claras, são a morte de toda e qualquer discussão.

DESPON.

A imparcialidade que é a força do historiador é a fraqueza do homem público.

VALTOUR.

Apesar de todos os seus milhões, o orçamento do Estado está sujeito às mesmas leis económicas da mais modesta contabilidade d'uma casa: não existem duas aritméticas.

VALTOUR.

*
A moderção, é a razão política.

GAMBETTA.

*
Um anno de poder é mais fecundo que dez annos d'opposição heroica.

GAMBETTA.

*
Não se deve acreditar nem no que dizem os ministros, nem no que dizem os seus inimigos.
ALEX. DUMAS.

*
Odeio o fanatismo em política, assim como o detesto em religião.

FREDERICO II.

*
Escrever, para uma mulher, é decotar-se; sómente é talvez menos indecente mostrar os homens que mostram o coração.

Mrs. ACKERMANN.

*
É sempre fácil viver com os seus inimigos; mas com os seus amigos, éis o difícil.

BERSOT.

*
A rhetorica que ensina a falar prefiro muito mais a rhetorica que ensina a estar calado.

VALTOUR.

JEZUS AO COLLO DE MAGDALENA

*Jesus expira, — o humilde e grande abreiro!... Sobem já pela cruz acima escadas,
E nos cravos varados no madeiro
Os malhos batem, cruzam-se as pancadas.*

*Saluça em torno o chão. As mãos primeiros,
Caem inertas no ar dependuradas;
O rosto oscilla... verga o torso inteiro
Nos braços das mulheres desgrenhadas.*

*Soltam-se os pés... Augmenta o pranto e a queixa.
Só Magdalena ao ouro da madeixa
Limpa-lhe a face, que de manso inclina...*

*E, no meio da lagrima mais linda
Com a mão lhe abrindo a palavra divina,
Busca vêr se elle a vê... beijando-o ainda.*

RIO de Janeiro.

LUIS DELVINO.

THEATROS

Das questões graves, importantes, de peso agigantado, nestes últimos quinze dias, todos os círculos teatrais de Paris.

Dum accidente qualquer d'onde dependesse o equilíbrio Europeu não causaria mais cuidados nem maiores pesadelos do que esses dois problemas que fechavam em si o futuro de dois dos principais theatros franceses.

Todo Paris cogitava todo Paris se arrepelia, todo Paris se concentrava e procurando achar-lhes uma solução, quando o grande indicador em gancho ou valentim que havia na mão arqueada, esgravidando-o, com um desordem e tornando todas as pontas desse instrumento tom intencionado para fuzilar o público, caiu violentemente d'um momento o actor representante, fumando que madia.

Tratava-se de saber:

Se o *Variété* se sustentaria, ou não com a saída de Judic.

Se Damala faria parte d'uma peça no *Saint-Martin* theatro d'onde sua mulher Mrs. Sarah Bernhardt é directora.

A resolução não era fácil e em Paris um caso d'estes toma tais proporções de interesse que no mais simples olhar d'un amigo, d'un conhecido, do dono de uma loja onde se entra, do espectador que, no theatro, fica ao nosso lado, do nosso companheiro de mesa, da nossa concierge, do primeiro cocheiro de praça, de todos enfim, vê se um lamento prescritor de curiosidade que diz claramente um:

— Então hein? Que lhe parece?

E nada.

Absolutamente nada.

Ou mandar fazer as olarias um novo Edipo ou esperar pelo Templo o melhor declínador de todas as Sphinges passadas, presentes e futuras.

Estavamo-nos n'este colisão!

Ao primeiro enigma talvez os meus leitores de Lisboa possam já responder; viram Judic e devem estar convictos de que não é sem razão que essa mulher extraordinária passa pela « maior formosura de Paris » e « pela unica actriz do vaudeville ».

E, declarem-s-e com franqueza, poucas vezes a *reclame* tem sido tão verdadeira e a fama tão bem cabida. Judic é uma linda mulher e uma actriz superior.

O *vaudeville* composto ao mesmo tempo de operetta e de comédia exige uma compreensão duplamente vibrante, clara e intelligente e só em Judic encontrou por enquanto a sua verdadeira encarnação. As outras actrizes representam um *vaudeville* como comédia ou como operetta mas nunca como *vaudeville*.

Pode suppor-se d'aqui o estrobucher d'um theatro que se firmava n'este só apoio que apesar de bom tinha o desfio enorme de ser unico.

Faz-se porém uma tentativa e hoje já se sabe que o *Variété* passará sem Judic, triste sim, mas conformado.

O *Chapeau de Paille d'Italie*, com que reabriu, essa reliquia de cubollos brancos, promete fazer não sentir a falta da grande diva e Baron, Lassouche, Leonce e Dupuis, esses magnificos comedicos d'uma pilharia inexgotável comprometeram-se a ressuscitar n'aquelle theatro, a comédia, de ha tanto desposta.

Para esclarecer a segunda duvida devo dar alguns apontamentos.

Les Danicheff é uma peça que Dumas filho fez de colaboração com Corvin. Recebida sempre com aplauso, dois empresários se lembraram no mesmo tempo de lhe fazer uma nova *reprise*. Dumas cedeu-a a um, Corvin cedeu-a a outro. Grande questão. Descomposturas e tribunais. Em resumo: o drama que estava para se representar no Odeon ou no Gymnase não se representá nem n'en nem n'outro theatro e vai subir á scena do *Saint-Martin*.

O que são os destinos!

Mas... oh fatalidade! O *Saint-Martin* não tem troupe para a peça e aqui começa o seu novo director, o conhecido Duquesnel, a pedir artistas a este e aquelle e consegue obter Magnier do *Gymnase*, Garnier do *Comédie* e uma meia duzia de intérpretes de tal ordem que a peça deve ter um desempenho nunca visto e um sucesso extraordinariamente superior a todos os sucessos extraordinários com que sempre tem sido acolhida.

Hoc opus...

Ora foi aqui que Duquesnel se lembrou, que Damala tinha estudado o papel para o *Gymnase* e poderia muito bem vir representá-lo no *Saint-Martin* completando assim o curioso ensemble, que elle sonhara para a obra de Dumas.

Consenso! Damala? Não conseguia?

Não posso disser-lhes. A verdade é que o papel foi dado a Mardis, e que o theatro que tinha aberto com o *Macbeth* fechou para causas em que Sarah faz uma longa excusa e espera pela *Théodora* a nova peça de Sardou que deverá representar em novembro.

Entretanto porém que isto se debatia, os outros theatros foram abrindo todos os portas, com velharias, é certo, sucessos passados mas que nem por isso tem deixado de encher as salas do espectáculo e as gavetas do cofre.

O Gymnase, o Palais-Royal, o Bouffes, o Folies e o Cluny não queriam interromper a série dos seus triângulos e continuaram com o Maitre de Forges, Train de Plaisir, Mascotte, Babolin e Truis Temps pour un mari, esperando poucos alegres novos peças dignas de os substituir e que ensaiariam com todo o vigor.

O director do Opéra-Comique reclama-se docemente no éxito ainda não excedido de Carmeu, Lakmé e Manon essas três graças da formosura e de encanto para que pense não cedo em mudar de espetáculo ainda que é por fôrça, se phantasmem as mais sedutoras novidades.

O Ambigué o Châtelot desenterraram duas desfuntas; o primeiro, Un Drama au fond de la mer com muita vista nova e sem quasi nenhum sucesso, o segundo, La Poule aux œufs d'or ainda com mais vistas novas e com menos sucesso ainda.

O Comédie prepara muita coisa e no proximo numero espero ter occasião de falar na reprise da Pantes de Mouche, de Sardou, e no grande acontecimento que isso marca na carreira teatral do insigne dramaturgo francês.

O Oddon abriu com o Louis XI, um drame lírico em verso do bom tempo de Luiz Philippe, que trouxe imensa gente ao teatro e uma polémica enorme nos jornais entre uns que detestam Casimir Delavigne, seu autor, e outros que o põem acima de Corneille e de Racine. O desencontro foi explodido sobrenroado por parte de Albert Lambert (pael), o protagonista e a peça muito aplaudida pela geração moderna que quasi desconhecia aquelle poeta. Seguiu-se-lhe Le Mari, um drama novo, de assunto velho de situações sabidas. Foi aplaudido mas pouco apreciado.

Premières muito poucas e muito más, por enquanto.

O Vaudeville começou com Un Divorce que cabiu e o obrigou a ir buscar ao arquivo Les Invalides du Mariage; o Nouveautés deu-nos a Nuit aux sifflets uma peça velha d'Ennery com musica nova de Hervé, que sendo cabiu já, não ha-de demorar-se muito.

Só o Gaité transportou de Marselha uma operetta de Audran, o aplaudido autor da Mascotte e obteve com ella exito tão grande que lhe levou a 300. O Grand Mogol está posto com um tal explendor de scénario e de roupas, tem uma musica tal e é tão bem representado que firmara definitivamente a reputação do maestro. Grand Mogol foi a primeira partitura que Audran escreveu, mas é incontestavelmente a melhor.

O Châtelot d'Eau continua a representar Mohat; o Dejouzet fez reprise da Parisiens en Province e o Beaumachais deu La Proie um drama novo, que teve um successo de banlieue.

* *

A dificuldade em poder enumerar todo o movimento teatral de Paris, tornase quasi invencível em vista do grande numero de teatros. Isso traria involuntaria e infelizmente uma grande precipitação e um pequeno desenvolvimento na chronica. Procuraremos sempre evitá-lo empregando a maior attenção só nas peças de maior successo. Os teatros, mesmo, uma vez abertos todos, hão-de caminhar mais morosa e menos simultaneamente e facilitar-nos hão também o trabalho.

J. MIRANDA.

PASSATEMPO

N.º 35.

EXERCÍCIO.

PRESENTAR o maior e melhor numero de exercícios e casos difíceis.

Este exercicio imitado dos jornais ingleses é decretar um dos mais difíceis que temos apresentado aos nossos leitores porque é, facilmente, mais difícil imaginar um caso difícil hypotheticó do que dar-lhe resolução immediata quando as circunstâncias a isso obriguem.

N.º 36.

EXERCÍCIO.

Compar com titulos de livros portuguezes um artigo com uma frase, de numero de palavras não inferior a 21, o que forme sentido claro e completo.

Noto. — Citar os autores.

N.º 37.

CASO DIFÍCIL.

Um baile. A pede a B para que lhe apresente a esposa, afim de a convidar para uma valsa. B sem recusar formalmente, convence-o com delicadeza a abandonar essa ideia, sabendo em particular que A não tem uma reputação invejável. A parece concordar com as pretesas que B lhe expõe, mas passada meia hora B vê sua esposa discutindo com A que tinha arranjado a apresentação por intermédio d'um outro amigo.

O que deve fazer B?

CHARADAS.

N.º 38. — Em Coimbra um dos teus parentes é como Judas. 1 — 2.

N.º 39. — O homem que na taberna estava alegre é da Casa Real. 1 — (1 — 1) — 2.

J. V. A. — Leiria.

SOLUÇÕES

EXERCÍCIO N.º 1.

2.º PARTE.

6.º

Por tanto todas faltem:
Tom de ir mal fala assim:
E por tanto tempo respeitem
Nada verá para mim.

Magma Waldman
Cataqueze (Mário Gomes).

Coisa diversa o conversa para Portugal d'este exercicio terminam
as 2.º e 3.º e no proximo numero daremos a sua solução.
Continuamos a receber os projectos do Brasil.

N.º 5.

Não recebemos uma única solução!

N.º 6.

CHARADAS

N.º 7. — Esophagocinia.
N.º 8. — João Grande.
N.º 9. — Lisboa.
N.º 10. — Kodakotato.
N.º 11. — Luriano.
N.º 12. — Zorilton.

O Sr. J. L. E. do Porto decidiu as n.º 7, 9 e 12 e o Sr. Pancada de Lisboa aponta a n.º 9.

CASO DIFÍCIL.

1.º

Der-lhe outras duas bofetadas e procura depois por intermédio d'um terceiro contar os relações com A fazendo lhe assim sentir as suas intenções em que estava para com elle.

Saladiño. — Lisboa.

3.º

Dar-lhe quinto soco se desfrontar, mas como se acordaram agora que se honra a si próprio aquele que a ofensa ao seu amigo.

J. L. C. — Paris.

3.º

Ficar com elas e sacrá-las depois ao amigo explicando tudo e pedindo-lhe a infâmia.

Pancada. — Lisboa.

4.º

Sendo B intimo amigo de A desde o momento que este lhe deu duas bofetadas de dura descurtagem lhe uma sorte de quer que o deixasse mole para dentro vez não tirar mão da leva.

João Malhoa. — Rio das Flores.

5.º

Dressar A para um duelo e santo em alto onde elle não se possa roubalhe a si bofetadas e dar-lhe mais algumas de castigo.

Azel Tiam. — Rio de Janeiro.

—

CHARADAS

N.º 18. — Proceras.
N.º 19. — Perdiduras.
N.º 20. — Pandemicas.
N.º 21. — Esperabilidades.

Só foram decifradas todas pelas senhoras da Sociedade de Viseu. Pancada de Lisboa adivinhou as 10.º e 11.º.

CASO DIFÍCIL.

1.º

Era o polícia quem devia pagar a lixeira indemnizaçao: o sujeito que quebrou a porta.

Ed. Z. — Porto.

2.º

Dever pagar a lixeira indemnizaçao.

Pompeu. — Antoninho. — Lisboa.

3.º

Em rigor nenhuma devia pagar. Em todo o caso o negligente, o疏忽 que quebrou a porta, e a senhora que passava devem dividir entre si o prejuizo total. A dona deve pagar a quantia de prejuizo que tem por sua vez devido também reparar as estragos feitos na casa.

V. A. E. José. — Porto.

4.º

Quem deve pagar a lixeira é o sujeito que quebrou a porta.

Saladiño. — Lisboa.

5.º

O individuo que quebrou a porta é o obrigado a pagar a porta que quebrou no local do estabelecimento.

A. F. M. — Porto.

6.º

Pagar a lixeira a senhora que quebrou a porta.

Luzenay. — Porto.

7.º

O sujeito que quebrou a porta que passava devem pagar em partes iguais a indemnizaçao do dono da porta.

Van Tricas. — Lisboa.

8.º

Quem deve pagar a lixeira porta é o dono.

Pompeu. — Lisboa.

9.º

O sujeito que quebrou a porta que passava devem pagar em partes iguais a indemnizaçao do dono da porta.

Vel. Tisso. — Rio de Janeiro.

10.º

N.º 1.

ESCRITA

Palavra de sei um volta anzi.

Foi decidido pelo Sr. A. F. M. do Porto.

CORRESPONDÊNCIA

Vizzy. — Pequeno Antoninho. — O exercicio 15 não é ágil. A carta não deve constar senão de palavras de uma só syllaba. Mande outra que ainda tem tempo. A charada que mandou está muito boa e vai ser publicada. Gostamos muito das suas produções e pedimos-lhe que mande assinalando uma collaboração recolhida. Bem vê que não podemos deixar de lhe exigir um número de jorna de novo. Vamos nos dar-lhe meios novos, lhe vantagens: querer explicar os seus logótipos que estão ali e explicá-lhe arqueologia imediatamente. Sobre os propógraphos o redactor da Nossa Agencia lhe responderá. Possivelmente a sua pergunta pode que não é examplo que pertence a essa arque.

Porto. — Eu-genio. — Idem. Muito canta. Os bilhetes portugues devem ser de sei e não de 10 reis. D'esta vez pagamos a muitas partes para avivar, avivando que não receberemos. A solução do n.º 17 vos ficam.

Lisboa. — Pancada. — Idei! não deve entrar uma unica palavra que tenha mais de uma syllaba. Da solução n.º 1 fallaremos. Do que mandou sorriremos e charadas com um enigma. Pode mandar mais. Como vê não acertou com o enigma 2.

Luzil. — Van Tricas. — Esta com plenamente enganado. Não me admira que recobre o n.º 1 tão tarde. A culpa é do cholera. Recomendemo-lhe o aviso saído no n.º 1 sobre o assunto. A sua solução é publicada hoje.

Lisboa. — Pancada. — Kido! não deve entrar uma unica palavra que tenha mais de uma syllaba. Da solução n.º 1 fallaremos. Do que mandou sorriremos e charadas com um enigma. Pode mandar mais.

Rio-de-Janeiro. — U. L. — Recobremos e fallaremos.

Pompeu. — M. E. P. — Idem.

Alexander. — Eloy. — Idem.

Rio-de-Janeiro. — Rio. — A solução do n.º 6 veio muito tarde. Para outra vez será. O logótipo que está ali é diametralmente oposto ao assunto.

Ponte-Delgada. — Celso. — Rio tem duas syllabas em cada direcção composta de palavras de uma só syllaba.

Bordau. — Sociedade Burfeless. — Fallaremos.

Contencioso. — Negocios civis e commerciales; correspondencia, cobranças, heranças, indicações comerciales.

Persiguer e defender diante de todos os tribunais franceses.

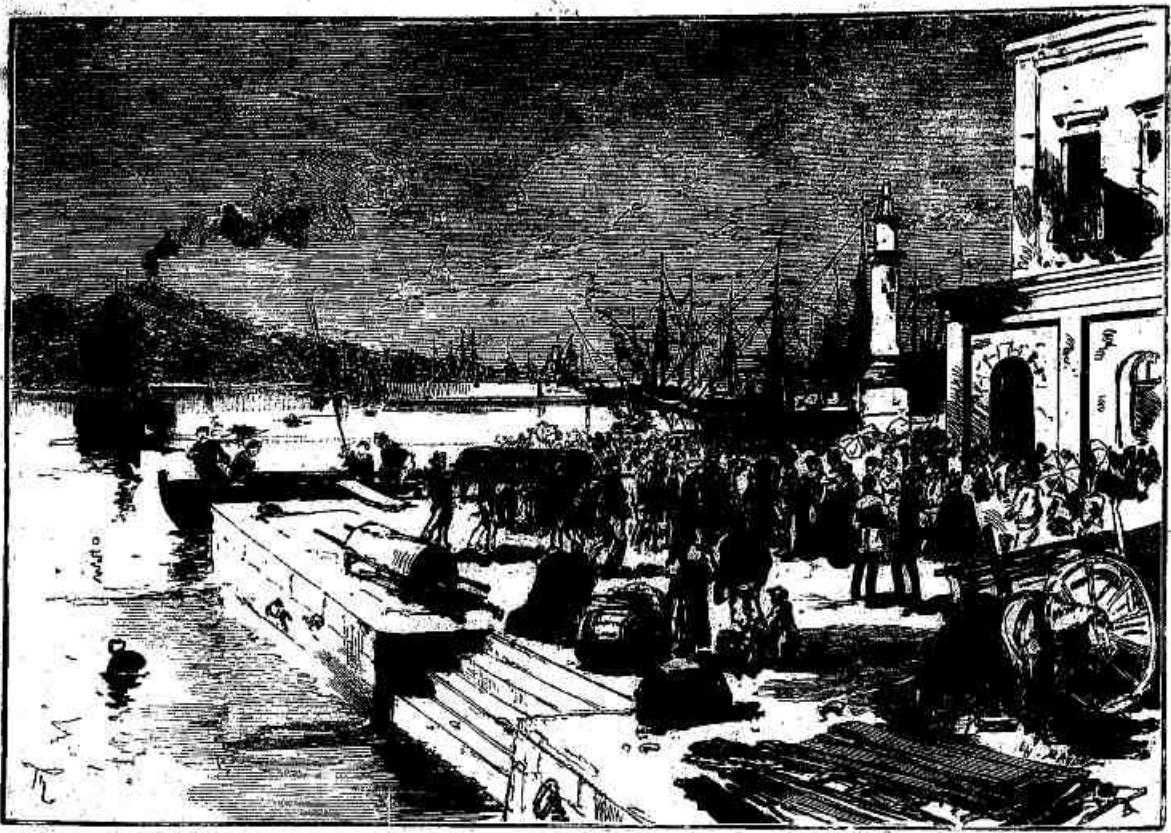
Administración de propriedades em França.

Escrever ao Director do Contencioso dos Conselhos Municipais, — 12, boulevard de la Villette. — Paris.

ACONSELHAMOS nos nossos leitores o uso dos magníficos depistadores da casa Dutier de París, de que se publicam dois curiosos e interessantíssimos fanfarrões ilustrados. Estes preparadores contêm muita informação em França sendo usados na indústria com muito sucesso. Neste género de produções, os mais antigos são sempre os melhores, e o que é curioso é que os fanfarrões de Dutier, que se fabricam em Paris, são os mais baratos.

Exploradores Dutier, que se fabricam em Paris, são os mais baratos.

Exploradores Dutier, que se fabricam em Paris, são os mais baratos.



O CHOLERA EM NAPOLES. — Transporte para os hospitais de marinheiros atacados do cholera.

THEATROS DE PARIS

(Peças que actualmente se representam com maior sucesso).

Opéra. — Faust. — L'Africaine. — Freyschütz.

Comédie. — Député de Bombignac. — Étrangère. — Cid. — Demoiselle. — Saint-Cyr.

Opéra-Comique. — Fri-Diavolo. — Carmen. — Philémon.

Théâtre des Tuilleries XI. — Muri.

Théâtre des Bouffes. — Molka.

Théâtre du Martin. — Macbeth. — Le Roi Lear.

Théâtre des Bobino. — Bobineaux (Ents d'Or).

Théâtre des Grands-Mogols. — Grand Mogol.

Théâtre des Ambassadeurs. — Un Drame au fond de la Vie.

Théâtre des Variétés. — Maïte de Forges.

Théâtre des Variétés. — Divorce. — Les Invités du Mariage.

Théâtre des Variétés. — Un chapeau de paille d'Irlande.

Théâtre Royal. — Train de Plaisir.

Bouffes-Parisiens. — Mascotte.

Folies-Dramatiques. — Baboulin.

Nouveautés. — Nuit aux Soufflets.

Eden-Theatre. — Excelsior. — Terrible Night.

Djazzot. — Parisiens en province.

Beaumarchais. — Les Domestiques.

— La Broie.

Bouffes du Nord. — Leonard.

Cluny. — Ursus Femmes pour un mari.

Montmartre. — Le Fils du Départ.

Batzilles. — Marceau.

MACHINAS para Telhas e Tijolos

Medalha de Ouro. — Prêmio na Exposição Universal de 1878.
MA BOULET, LACROIX & C°
Constructores-Mecânicos
23, rue Etienne-Saint-Martin, 23, PARIS

Encarte no CATALOGO ILUSTRADO e Preis für das Ausstellung.

CALLIFLORE

Flor de Beleza

POS ADHERENTES & INVIAVEIS

Órgãos de todo modo, quando se empregam estas
pequenas coisas, tornam no resto mais macio, suave e de leitura
facilidade, de modo que se pode ler com mais facilidade.

Além das flores, de natural perfume, há outras de
outros vários diferentes, Houlol e Rose, Jasmin o

mais perfume é a mais exótico. Poderá pôr, enta-
pa nas escrivaninhas ou nos lugares mais conveniente a ventila-

AGNEL, Fabricante de Perfumes, em **PARIS**

FABRICA E EXPEDIÇÕES: 16, AVENUE DE L'OPERA

E-mail para São Paulo destinado ao maior número de pessoas da Paris.

PATE AGNEL

Amygdalina & Glycerina

Este excelente Cosmético branqueia e
amacia a pele, preserva do Clero,
Irritações e Comichões tornando-a
aveludida; pelo que respeita as mias,
da solidez e transparencela ás unhas.

DIGESTORES ARTIFICIAIS
VINHO
DI-DIGESTIVO DE
CHASSAING

CON
PEPSINA E COM DIASTASE

Assepto natural e indissociável

DIGESTÃO
20 ANHOS DO SUCESSO

CONTAGEM

DIGESTORES DIFFÍCILS

OU INCOMPLETAS

MALES DO ESTÔMAGO

DIVERSAS DISESES

PERDA DE APPETITE, DA FORÇA,

NAZÉZIA, CONSUMPTUS,

CONVALESCÊNCIAS LENTAS

VOMITOS, ETC.

Paris, 6, Avenue-Victor, 5-Paris

Atende-se os mais principais Farmácicos.

CONTOS INFANTIS

PREMIOS PARA CRIANÇAS

O JANTAR DOS TOTOS

Com o chromo e o colorímetro

O PINTARNOXON

Com o chromo e o colorímetro

Preço de 100 Réis.

À venda na Livraria das Humanidades e

nas principais livrarias.

MANUAL TEÓRICO-PRÁTICO

DE

GYMNASTICA

por

PAULO LAURET

Um volume que contém mais de 300 desenhos

de exercícios de Gymnastica.

Avenida da Liberdade, 100, Lisboa.

2. PARIS

RUE DES GRANDES ARSENALS, 10.

PARIS

PARIS